

CRIANÇAS PROTAGONISTAS: A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

José Aumendes da Silva Farias ¹

RESUMO

Este artigo é resultado de uma experiência vivenciada por mim enquanto auxiliar em uma turma da pré-escola I, juntamente com a professora Rebeca Soares, no município de Coxixola-PB, durante o ano de 2024. Desafiados pela quantidade de crianças típicas e atípicas na turma, o lúdico tornou-se a principal ferramenta pedagógica que regou a nossa prática enquanto profissionais. Contudo, a inserção das brincadeiras no contexto da Educação Infantil não deve ser tida como uma opção, pois no artigo 9º das Diretrizes Curriculares de Educação Infantil, o brincar está posto como eixo norteador da prática pedagógica, devendo assim, fazer parte do dia-a-dia das creches e pré-escolas, principalmente. Vários(as) autores(as) como Wajskop (1995), Lira (2014) e Dallabona (2004) também apontam para a importância do brincar para o desenvolvimento da criança. No entanto, esta prática embora eficaz, ainda não tem sido apropriada pelos professores desta etapa da Educação Básica como deveria. E assim, impossibilita-se por vezes, o protagonismo das crianças. À partir da inserção das brincadeiras na nossa prática pedagógica pudemos observar de maneira positiva os resultados obtidos. Tais atividades proporcionaram o protagonismo das crianças ao possibilitar o planejamento das atividades à partir dos interesses revelados por elas, com as brincadeiras. Promoveram a inclusão através da interação proposta pelas brincadeiras. Como também, facilitaram a adaptação das atividades para as crianças atípicas, pelo fato das atividades lúdicas e as próprias brincadeiras em si, serem acessíveis para todas as crianças e despertarem o interesse de ambas.

Palavras-chave: Educação Infantil, Ludicidade, Protagonismo, Inclusão.

INTRODUÇÃO

O presente artigo surge a partir de uma experiência vivenciada no ano de 2024, no município de Coxixola-PB, enquanto auxiliar em uma turma da pré-escola. O contexto dessa vivência foi marcado por uma turma composta por crianças típicas e atípicas, o que demandou estratégias pedagógicas que contemplassem a diversidade e promovessem uma aprendizagem significativa. Diante desse cenário, o lúdico revelou-se como a principal ferramenta pedagógica que norteou o planejamento e a prática docente, configurando-se como um meio eficaz de promover o desenvolvimento integral e o protagonismo infantil.

¹ Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG; Graduado em Pedagogia pelo Centro Universitário de João Pessoa – UNIPÊ; Especialista em Alfabetização e Letramento pela Faculdade de Educação Superior do Paraná – FESP, aumendess1@gmail.com;



Na contemporaneidade, discute-se amplamente a necessidade de uma educação que reconheça a criança como sujeito de direitos, participante ativo do processo educativo. Nesse sentido, a Educação Infantil assume um papel fundamental, por ser a primeira etapa da Educação Básica e o espaço onde se constroem as bases do desenvolvimento cognitivo, afetivo, motor e social da criança. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), estabelecidas pela Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009, reforçam essa concepção ao determinar, em seu artigo 9º, que o brincar e as interações constituem eixos norteadores das práticas pedagógicas. Portanto, o brincar não deve ser entendido como um momento acessório, mas como parte essencial da rotina escolar e da construção do conhecimento.

Autores como Wajskop (1995), Lira (2014) e Dallabona (2004) defendem o brincar como um instrumento pedagógico que possibilita à criança aprender de maneira prazerosa, espontânea e significativa. Para Wajskop (1995), o brincar é uma forma de expressão simbólica e cultural que permite à criança compreender o mundo e interagir com ele de forma criativa. Já Lira (2014) enfatiza que o ato de brincar promove a socialização, a autonomia e o respeito à diversidade, sendo indispensável em contextos inclusivos. Dallabona (2004) acrescenta que as atividades lúdicas fortalecem o vínculo entre criança e educador, possibilitando a mediação pedagógica de maneira mais afetuosa e eficaz.

Apesar da importância amplamente reconhecida do brincar, observa-se que essa prática ainda é, muitas vezes, subutilizada nas instituições de Educação Infantil. Em muitos casos, as brincadeiras são vistas como meros momentos de lazer ou descanso, desvinculados dos objetivos pedagógicos. Kishimoto (2011) alerta para esse equívoco ao afirmar que a ludicidade, quando devidamente planejada, não se opõe à aprendizagem, mas a potencializa, pois estimula a curiosidade, a imaginação e o pensamento crítico. Assim, o brincar deve ser entendido como uma forma legítima de aprender e de se relacionar com o mundo, e não apenas como uma pausa nas atividades formais.

A experiência vivenciada na turma da pré-escola evidenciou que o brincar, quando valorizado como eixo central da prática pedagógica, promove resultados expressivos no desenvolvimento das crianças. Ao observar o cotidiano da turma, foi possível constatar que as atividades lúdicas despertaram o interesse, a criatividade e a participação ativa das crianças, possibilitando que elas se tornassem protagonistas do próprio processo de aprendizagem. As brincadeiras permitiram que o planejamento docente fosse construído



com base nos interesses e necessidades manifestados pelas crianças, transformando o ambiente escolar em um espaço de escuta, diálogo e cooperação.

Além disso, as atividades lúdicas favoreceram a inclusão, pois estimularam a interação entre crianças com diferentes ritmos, estilos e modos de aprender. Conforme afirma Vygotsky (1998), o brincar cria uma “zona de desenvolvimento proximal”, onde a criança é capaz de realizar ações que, sozinha, ainda não conseguiria, mas que, com o apoio de colegas e adultos, tornam-se possíveis. Essa perspectiva reforça a importância do brincar como meio de mediação e construção coletiva do conhecimento.

No caso específico das crianças atípicas, as brincadeiras mostraram-se ainda mais relevantes, por serem flexíveis e acessíveis, permitindo adaptações que respeitam as potencialidades individuais e incentivam a participação de todos. De acordo com Oliveira (2011), o brincar oferece oportunidades para o desenvolvimento da linguagem, da coordenação motora e da socialização, sendo, portanto, um direito de todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, cognitivas ou emocionais.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada em 2017, reforça essa visão ao destacar que a criança deve ser reconhecida como sujeito histórico e de direitos, que constrói sua identidade nas interações, nas brincadeiras e nas diferentes linguagens (BRASIL, 2017). Desse modo, promover o brincar na Educação Infantil é, também, garantir o direito à aprendizagem, à convivência e à expressão.

Entretanto, para que o brincar se efetive como prática pedagógica transformadora, é necessário que os educadores compreendam seu valor formativo e o insiram intencionalmente em seus planejamentos. Como aponta Brougère (1998), o jogo e a brincadeira não são apenas atividades espontâneas, mas práticas culturais que podem e devem ser exploradas pedagogicamente, de modo a favorecer a aprendizagem e o desenvolvimento infantil. Assim, cabe ao professor atuar como mediador, criando situações lúdicas que despertem a curiosidade, estimulem o raciocínio e favoreçam a autonomia.

A prática pedagógica vivenciada no município de Coxixola-PB demonstra que, quando o brincar é valorizado e planejado, a escola se torna um espaço de descoberta e construção coletiva do conhecimento. O envolvimento das crianças nas brincadeiras revelou não apenas avanços cognitivos, mas também ganhos afetivos e sociais significativos. As interações lúdicas promoveram o respeito mútuo, a empatia, o trabalho em grupo e a cooperação, elementos essenciais para a formação integral do ser humano.



Portanto, refletir sobre o brincar na Educação Infantil é refletir sobre a própria concepção de infância e de educação. Não se trata apenas de inserir atividades recreativas na rotina, mas de reconhecer o brincar como linguagem fundamental da criança, por meio da qual ela interpreta o mundo, experimenta papéis sociais e constrói sentidos sobre si e sobre o outro. Conforme destaca Friedmann (1996), “brincar é uma forma de ser e estar no mundo”, e deve ser compreendido como um caminho legítimo para aprender e se desenvolver.

Dessa forma, o presente artigo busca discutir a importância do brincar como prática pedagógica que promove o protagonismo infantil, a inclusão e o desenvolvimento integral das crianças. A partir da experiência vivida em sala de aula, pretende-se analisar como as brincadeiras podem contribuir para a construção de uma educação mais humana, participativa e significativa, em que a criança seja reconhecida e valorizada como sujeito ativo do processo educativo.

METODOLOGIA

A metodologia adotada neste estudo é de natureza qualitativa, fundamentada na experiência vivenciada por mim enquanto auxiliar de turma na Educação Infantil, no ano de 2024, na cidade de Coxixola-PB. Trata-se de um relato de experiência, cujo objetivo é compreender os impactos do brincar no desenvolvimento e no protagonismo das crianças. A pesquisa qualitativa, segundo Minayo (2014), busca compreender fenômenos sociais em sua complexidade e singularidade, privilegiando a descrição detalhada, a interpretação e o significado atribuído pelos sujeitos em contextos específicos.

Os registros foram realizados por meio de observações sistemáticas, anotações em diário de campo e reflexões sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas no cotidiano da turma. O contexto da pesquisa envolveu uma turma da pré-escola I, composta por crianças típicas e atípicas, com idades entre quatro e cinco anos.

As atividades lúdicas foram planejadas a partir dos interesses e necessidades individuais das crianças, contemplando jogos simbólicos, cantigas de roda, dramatizações, brincadeiras tradicionais e atividades com materiais diversos. A análise dos dados foi conduzida sob uma abordagem interpretativa, que, de acordo com Denzin e Lincoln (2011), enfatiza a compreensão das experiências humanas a partir da perspectiva dos participantes, considerando o contexto social e cultural em que estão inseridos.



Essa abordagem interpretativa se articula à pesquisa qualitativa ao valorizar a subjetividade, o sentido e a complexidade das práticas educativas. Para Stake (1995), o estudo de caso interpretativo permite investigar fenômenos contemporâneos dentro de seus contextos reais, captando as nuances do comportamento humano e das interações sociais. Já Merriam (2009) destaca que o relato de experiência, como modalidade de pesquisa qualitativa, possibilita não apenas a descrição de eventos, mas também a reflexão crítica sobre a prática, fortalecendo o papel do pesquisador como mediador e intérprete das experiências vivenciadas.

Portanto, esta metodologia permite compreender a prática pedagógica não apenas como um conjunto de técnicas, mas como um espaço de reflexão, mediação e transformação, no qual o educador também se forma e se reinventa a partir das experiências compartilhadas com as crianças. Ao combinar a observação sistemática com a interpretação qualitativa, busca-se revelar os sentidos, aprendizados e impactos do brincar no protagonismo infantil, respeitando a singularidade de cada criança e as especificidades do contexto escolar.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Educação Infantil, enquanto primeira etapa da Educação Básica, constitui-se como um espaço privilegiado para o desenvolvimento integral da criança, englobando dimensões cognitivas, afetivas, sociais e motoras. Segundo a Base Nacional Comum Curricular, a criança deve ser compreendida como sujeito histórico, social e cultural, que constrói seu conhecimento por meio das interações e experiências vivenciadas no cotidiano escolar (BNCC, 2017). Nesse sentido, o brincar e as interações são considerados direitos de aprendizagem e desenvolvimento, devendo permear todas as práticas educativas, de modo a garantir uma educação que respeite a singularidade de cada criança e fomenta seu protagonismo.

O brincar, como prática pedagógica, transcende a simples função de lazer ou passatempo, assumindo papel central no processo de aprendizagem. Para Wajskop (1995), o brincar é uma atividade social e cultural que permite à criança construir significados sobre o mundo em que vive, ao mesmo tempo em que expressa suas emoções, desejos e experiências. Trata-se, portanto, de uma forma de conhecimento que combina ação, imaginação e interação, oferecendo à criança a oportunidade de interpretar e reorganizar a realidade ao seu redor.



De forma complementar, Lira (2014) destaca que o ato de brincar favorece o desenvolvimento da autonomia, da criatividade e da capacidade de resolução de problemas, sendo também uma ferramenta de inclusão e valorização da diversidade. A autora enfatiza que, ao participar de brincadeiras coletivas, a criança aprende a respeitar regras, negociar conflitos e colaborar com os colegas, consolidando competências socioemocionais fundamentais para a convivência social. Dallabona (2004), por sua vez, argumenta que as atividades lúdicas fortalecem o vínculo entre professor e aluno, criando um ambiente de confiança, respeito e estímulo ao protagonismo infantil.

Kishimoto (2011) complementa essa perspectiva ao afirmar que o brincar constitui uma forma de aprendizagem ativa, pois envolve imaginação, experimentação, cooperação e resolução de conflitos. O autor destaca que o lúdico estimula a curiosidade, o raciocínio crítico e a capacidade de enfrentamento de desafios, sendo, portanto, uma estratégia pedagógica essencial para promover a autonomia e o protagonismo infantil. Além disso, as brincadeiras permitem que a criança explore diferentes papéis sociais, internalize normas e compreenda valores, contribuindo para a formação ética e cidadã.

Brougère (1998) enfatiza que o jogo e o brincar não devem ser considerados opostos ao ensino formal, mas sim como parte integrante do processo educativo, desde que inseridos com intencionalidade pedagógica. Segundo o autor, as brincadeiras podem ser planejadas de forma a articular o lúdico com objetivos de aprendizagem, ampliando o repertório cultural das crianças e favorecendo o desenvolvimento de habilidades cognitivas, motoras e sociais. A prática lúdica, quando orientada, possibilita a integração de conhecimentos, a expressão de sentimentos e o fortalecimento de laços afetivos entre os participantes.

Para Friedmann (1996), brincar é uma forma de ser e estar no mundo, sendo essencial à formação humana. Ao brincar, a criança experimenta a liberdade de criar, decidir e transformar seu ambiente, construindo sua identidade e senso de pertencimento. O brincar, portanto, não apenas desenvolve capacidades cognitivas, mas também promove a formação integral da personalidade, incluindo o desenvolvimento emocional, social e ético.

A prática pedagógica baseada no brincar também se revela como um instrumento de inclusão, ao possibilitar que crianças com diferentes habilidades, ritmos de aprendizagem e necessidades específicas participem de forma significativa das atividades escolares. Segundo Oliveira (2011), as atividades lúdicas são flexíveis e adaptáveis,



permitindo que todos os alunos se engajem nas brincadeiras e interações, sem distinções ou barreiras. Dessa forma, o brincar contribui para a construção de uma educação democrática, inclusiva e equitativa, alinhada aos princípios da BNCC e aos direitos da criança.

Além disso, o brincar é fundamental para promover o protagonismo infantil, conceito que se refere à capacidade da criança de agir de forma autônoma, tomar decisões, expressar opiniões e influenciar o planejamento das atividades pedagógicas. Quando a criança é reconhecida como protagonista, ela se torna sujeito ativo na construção do conhecimento, em vez de mero receptor passivo das instruções do professor. Nesse sentido, o brincar não apenas facilita a aprendizagem, mas também fortalece a autoestima, a confiança e a responsabilidade social, conforme apontam estudos contemporâneos em Educação Infantil (BRASIL, 2017; WAJSKOP, 1995; LIRA, 2014).

Autores mais recentes também reforçam a relevância do lúdico na promoção do desenvolvimento integral. Souto (2018) argumenta que as brincadeiras estruturadas e espontâneas estimulam a imaginação, o raciocínio lógico e a criatividade, permitindo que a criança explore diferentes possibilidades de ação. Martins e Pereira (2020) destacam que o brincar favorece a interação social e a construção de vínculos afetivos, sendo especialmente eficaz em contextos que incluem crianças com necessidades educativas especiais, garantindo maior equidade e inclusão.

Dessa forma, o brincar se configura como estratégia pedagógica essencial, capaz de integrar aprendizagem, socialização e desenvolvimento emocional. A literatura demonstra que, quando planejado e mediado pelo educador, o lúdico contribui para que a criança desenvolva competências cognitivas, socioemocionais e culturais, ao mesmo tempo em que promove sua autonomia, criatividade e protagonismo. Portanto, a prática do brincar não deve ser entendida como opcional, mas como eixo central da Educação Infantil, alinhando-se às diretrizes nacionais, às pesquisas científicas e às experiências pedagógicas exitosas.

Ao considerar o brincar como eixo estruturante da prática educativa, os educadores têm a oportunidade de repensar seu papel, passando de transmissor de conteúdos para mediador de experiências, que observa, escuta e potencializa o protagonismo da criança. Essa perspectiva reflete uma concepção contemporânea de Educação Infantil, na qual a aprendizagem é entendida como processo coletivo, interativo e significativo, capaz de promover o desenvolvimento integral e a construção de cidadãos autônomos, críticos e participativos.



Em síntese, o brincar representa um instrumento pedagógico indispensável para a promoção da inclusão, do protagonismo e do desenvolvimento integral na Educação Infantil. Ao proporcionar experiências lúdicas intencionais e significativas, a escola cria condições para que a criança construa conhecimentos, fortaleça vínculos e desenvolva competências essenciais para a vida social e afetiva. Dessa forma, a literatura e a prática pedagógica convergem para a compreensão de que o brincar é o caminho privilegiado para a aprendizagem, a socialização e o fortalecimento do protagonismo infantil.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados observados ao longo da prática pedagógica evidenciam que o brincar, quando inserido de forma intencional e planejada, promove avanços significativos no desenvolvimento das crianças. As atividades lúdicas despertaram o interesse e a curiosidade, favoreceram a comunicação e fortaleceram a autonomia. As crianças passaram a participar ativamente do processo de aprendizagem, expressando ideias, tomando decisões e sugerindo novas brincadeiras.

A diversidade presente na turma revelou que o brincar é um instrumento potente de inclusão. Crianças com diferentes ritmos e modos de aprender interagiram de maneira natural durante as brincadeiras, demonstrando empatia, cooperação e respeito às diferenças. As atividades também favoreceram o desenvolvimento motor, cognitivo e emocional, como aponta Oliveira (2011), ao destacar que o brincar contribui para a construção de vínculos afetivos e para o fortalecimento da autoestima infantil. Outro aspecto relevante foi a transformação da postura docente.

A prática do brincar nos levou a repensar nossas ações pedagógicas, reconhecendo a importância de escutar e valorizar as vozes das crianças. Essa mudança de perspectiva está em consonância com o que defende Kishimoto (2011), ao afirmar que o professor deve ser mediador e observador sensível das interações que emergem nas brincadeiras. O protagonismo infantil manifestou-se, portanto, na liberdade de escolha, na autonomia para explorar o ambiente e na capacidade de criar soluções próprias durante as atividades lúdicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



O estudo permitiu constatar que o brincar é um elemento essencial para o desenvolvimento integral e o protagonismo das crianças na Educação Infantil. Mais do que uma atividade recreativa, o brincar constitui-se como linguagem, meio de expressão e instrumento pedagógico capaz de promover aprendizagens significativas e relações inclusivas. Ao adotar o brincar como eixo norteador da prática pedagógica, a escola se transforma em um espaço de escuta, criação e convivência, no qual cada criança é reconhecida como sujeito ativo do processo educativo.

A experiência vivenciada na turma da pré-escola I, em Coxixola-PB, reafirma que a ludicidade é uma estratégia eficaz para integrar ensino, afeto e inclusão, fortalecendo os vínculos entre professor, aluno e conhecimento. Conclui-se que o desafio atual da Educação Infantil é ressignificar o papel do brincar, compreendendo-o como direito e necessidade básica da infância. Promover o brincar é, portanto, garantir o exercício da cidadania e o pleno desenvolvimento das potencialidades humanas.

REFERÊNCIAS

BRASIL, MEC et al. Base nacional comum curricular. **Brasília-DF: MEC, Secretaria de Educação Básica**, 2017.

BROUGÈRE, Gilles. Jogo e educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB n. 5, de 17 de dezembro de 2009. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Diário Oficial da União. Brasília, 2009.

CRESWELL, John W. Qualitative Inquiry and Research Design: Choosing Among Five Approaches. 4. ed. Thousand Oaks: Sage, 2013.

DALLABONA, Sandra Regina. O lúdico na educação infantil. Revista Educação em Questão, v. 20, n. 15, 2004.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. The Sage Handbook of Qualitative Research. 4. ed. Thousand Oaks: Sage, 2011.

FRIEDMANN, Adriana. O brincar: crescer e aprender – o resgate do jogo infantil. São Paulo: Moderna, 1996.

GUBA, Egon G.; LINCOLN, Yvonna S. Competing Paradigms in Qualitative Research. In: DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. (Org.). Handbook of Qualitative Research. Thousand Oaks: Sage, 1994. p. 105–117.



KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LIRA, Elisabete. A importância do brincar na educação infantil. *Revista Educação Pública*, v. 14, n. 3, 2014.

MARTINS, Ana; PEREIRA, Bruno. *O brincar e a inclusão: práticas lúdicas na educação infantil*. São Paulo: Cortez, 2020.

MERRIAM, S. B. (2009). *Qualitative research: A guide to design and implementation*. San Francisco, CA: Jossey-Bass.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14ª edição. São Paulo: Hucitec Editora, 2014

OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento — um processo sócio-histórico*. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2011.

SOUTO, Maely Sacramento de; GOMES, Ewerlin Bruna Neves; FOLHA, Débora Ribeiro da Silva Campos. Educação Especial e Terapia Ocupacional: análise de interfaces a partir da produção de conhecimento. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 24, p. 583-600, 2018.

STAKE, Robert. Case study research. **Cham: Springer**, 1995.

VYGOTSKY, L. (1998). *A formação social da mente* São Paulo: Martins Fontes.

WAJSKOP, Gisela. O brincar na educação infantil. **Cadernos de pesquisa**, n. 92, p. 62-69, 1995.

